

Resenha

Sete Ensaíos de Interpretação da Realidade Peruana na Época dos Estados Plurinacionais

Vivian Grace Fernández-Dávila Urquidí⁽¹⁾

De tempos em tempos, a teoria social costuma visitar seus autores fundadores para recuperar *grandes questões* não resolvidas. É o que tem ocorrido com a obra do peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930), talvez o principal marxista latino-americano, cujo trabalho datado das primeiras décadas do século XX tem inspirado desde então a crítica de cientistas sociais e políticos, assim como a ação de movimentos revolucionários da região.

O resgate desta vez da obra de Mariátegui — dentre outros grandes autores latino-americanos —, porém, deve ser visto mais que um simples revivalismo da esquerda em tempos de *socialismo do século XXI*.

De fato, a crise do socialismo real, que culminou com a queda do Muro de Berlim dos anos 1980, e que forçou a crítica marxista a questionar seus paradigmas teóricos, operou também uma devastadora dúvida existencial ao promissor pensamento político e social latino-americano, que nas décadas de 60 e 70 parecia, finalmente, ter encontrado um alicerce firme para tratar sua situação de dependência e herança colonial num marxismo localmente situado.

As violentas ditaduras regionais que depois foram seguidas, já em tempos de democracia, por profundas reformas estruturais de ordem liberal no Estado, como se sabe, expulsaram dos centros do debate crítico e político não apenas a imaginação política revolucionária como também seus sujeitos e projetos locais.

Em tal contexto de incertezas, ao longo da década de 1990, ficou por conta de novos setores sociais, entre eles os movimentos indígenas, trazer de volta as *grandes questões* não resolvidas da região: a ausência de projetos autônomos de desenvolvimento para o país, o padrão de dominação interna e a incapacidade das elites locais de articular a totalidade social e cultural do país.

Eis que Mariátegui de repente volta mais uma vez em obras reeditadas, e inéditas no Brasil, por ser **um dos primeiros e o maior pensador marxista latino-americano e,**

(1) Professora Adjunta da Universidade de São Paulo no curso de Políticas Públicas e no Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina. E-mail: <vurquidi@usp.br>.

também, porque sua vida e obra, ao longo do século XX, servem de fonte de reflexão para analisar o caráter da luta revolucionária socialista.

Seu principal trabalho, *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* (relançado no Brasil em 2008 pela Editora Expressão Popular) foi publicado em 1928, pouco antes da sua morte, e se constituiu desde então no produto literário mais vendido no Peru, e no livro peruano traduzido no maior número de línguas, o que lhe confere relevância internacional no foro acadêmico e também literário. Nele, o autor propôs uma leitura nova da realidade peruana — que poderia ser a da América Latina —, tentando articular uma explicação que parte da análise econômica e da organização política e administrativa regionalista do país; passa pelos problemas da educação, da religião e da produção literária, para se concentrar no aspecto que, de acordo com as novas releituras, tem sido o mais recuperado desta obra, qual seja, a interpretação original que fez do problema agrário e da questão do índio.

Como estudioso profundo do marxismo, mas sem uma leitura ortodoxa — o que não o poupou de críticas — Mariátegui buscou pensar um programa revolucionário num país de forte presença camponesa-índigena, onde as forças produtivas, sob controle predominante de uma oligarquia fundiária, não estavam desenvolvidas o suficiente para a formação de uma burguesia dinâmica ou um sólido proletariado revolucionário. Tal foi o desafio que Mariátegui colocou nos *Sete Ensaios*: evidenciar que o germe da revolução, ademais de existir no proletariado, estava também latente no campesinato indígena, e que este deveria ser interpretado não apenas na crescente organização política da década de 1920, mas principalmente na ainda sobrevivente estrutura comunitária do *ayllu*. Assim, as características de trabalho e propriedade coletivas do *ayllu* seriam a base de novas relações materiais e o embrião a partir do qual se estruturaria o futuro Estado Socialista.

É preciso lembrar que quando Mariátegui propôs sua interpretação sobre a realidade peruana, a Terceira Internacional — amparada no ímpeto da Revolução Russa de 1918 — estava em franca expansão na América Latina e que, não obstante seu crescimento regional, tinha grande dificuldade para entender a composição classista das sociedades americanas.

É justamente nessa questão que Mariátegui dá sua contribuição inédita, ao identificar nas comunidades indígenas um potencial revolucionário associado ao dos operários e da pequena burguesia, vislumbrando assim um novo elemento a ser fortalecido no Peru e no resto dos países da América indígena para avançar no projeto revolucionário.

E mais: seria necessário compreender que a incipiente burguesia — essencialmente comercial —, longe de ter interesses antagônicos com o latifúndio, atuava aliada a ele como intermediária do capital internacional. Assim, a burguesia não apenas seria incapaz de dar-se conta dos interesses em conflito com a atrasada estrutura fundiária, como também não era nacionalista.

Nesse cenário, em *Sete Ensaios*, Mariátegui formula mais uma de suas interpretações originais da realidade peruana, e que servem para outros países da região, pois aqui tempos produtivos distintos coexistem sem profundas contradições, mostrando que a economia comunitária é subsumida à produção “*semifeudal*” que, pelo seu turno, se articula subordinadamente com a lógica do capitalista em fase monopolista. Assim, a regularidade histórica

sequencial observada na Europa ocidental, em que um modo de produção é superado por outro, se manifesta no caso peruano como uma totalidade de diversas modalidades produtivas funcionalmente articuladas com o capitalismo internacional.

A conclusão de Mariátegui não poderia ser então outra — inspirando por isso as futuras ações libertárias latino-americanas —, que a luta do proletariado e da pequena burguesia contra o capitalismo não poderia estar separada da luta do camponês contra o latifúndio, e que essas contendas seriam ao mesmo tempo lutas anti-imperialistas e “*base da revolução indoamericana*” no Continente. Com isto, Mariátegui, em desafio às diretrizes da III Internacional, defenderia a tese de que era possível abandonar o modelo etapista da revolução e desenvolver um *socialismo indoamericano* partindo da estrutura complexa já existente na América Latina.

A atualidade da interpretação dos **Sete Ensaios** mostra seu vigor dando uma contribuição para o debate sobre o ainda indefinido *Socialismo do Século XXI* em países andinos como a Bolívia e o Equador, em que o indígena-camponês assume o papel central de sujeito histórico — “*a solução do problema do índio tem de ser uma solução social*”, algo que “*os índios é que devem realizá-la*” —, componente decisivo do cimento social e do novo projeto de Estado em moldes plurinacionais.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. Trad. Felipe Lindoso. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. [1. edição 1928], 330 p.